

© 1991 by Editora Atlas S.A.

1. ed. 1991; 2. ed. 1996; 3. ed. 1997; 4. ed. 1999;
5. ed. 2003; 6. ed. 2004; 7. ed. 2005; 8. ed. 2006;
9. ed. 2007; 10. ed. 2008; 11. ed. 2009; 3. reimpressão 2010



Capa: Roberto de Castro Polisel

Composição: Lino-Jato Editoração Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Medeiros, João Bosco

Redação científica : a prática de fichamentos, resumos, resenhas / João Bosco Medeiros. –
11. ed. – 3. reimpr. – São Paulo : Atlas, 2010.

Bibliografia.

ISBN 978-85-224-5339-9

1. Redação técnica I. Título

91-1673

CDD-808.0665

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritos científicos : Redação 808.0665
2. Redação : Trabalhos científicos 808.0665
3. Trabalhos científicos : Redação 808.0665

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*



Editora Atlas S.A.

Rua Conselheiro Nébias, 1384 (Campos Elísios)

01203-904 São Paulo (SP)

Tel.: (0_ _11) 3357-9144 (PABX)

www.EditoraAtlas.com.br

6

Fichamento

O homem aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala (FIORIN, 1988, p. 35).

1 Regras do jogo

Os manuais de metodologia apresentam muitas orientações ao estudioso que deseja escrever uma tese. Para citar um exemplo, veja-se *Como se faz uma tese*, de Umberto Eco.

Para Eco (1989, p. 87), a situação ideal seria dispor em casa de todos os livros de que se tem necessidade, mas reconhece que “essa condição ideal é muito rara mesmo para um estudioso profissional”.

Ao estudioso pede-se, diante da necessidade de realização de um trabalho de grau, que faça um levantamento bibliográfico, utilizando-se de fichas bibliográficas.

O armazenamento dessas informações será realizado num arquivo de fichas ou pelo computador. Outros arquivos igualmente importantes durante a fase de coleta de informações são: o arquivo de leitura, de ideias, de citações.

O arquivo de leitura consiste no registro de resumos, opiniões, citações, enfim tudo o que possa servir como embasamento para a tese, ou ideias que defenderá por ocasião da redação do texto que tem em vista.

O arquivo bibliográfico registra os livros que devem ser localizados, lidos, examinados.

As referências devem ser realizadas com critério e segundo as normas da ABNT, NBR 6023:2002. O intelectual que desrespeita as normas estabelecidas para a realização de um texto corre o risco de ser desconsiderado pela comunidade científica. Eco (1989, p. 48) faz analogia entre o estudioso que desrespeita as normas funcionais de um trabalho e um jogador inexperiente que emprega mal as expressões-chave do jogo. Tanto um quanto outro serão olhados com suspeita, “como uma espécie de intruso”.

Como se faz uma tese distingue variados tipos de ficha: de leitura, temáticas, por autores, de citações, de trabalho. Esta última compreende problematizações, sugestões, ligação entre ideias e seções do plano de ideias.

As fichas constituem valioso recurso de estudo de que se valem os pesquisadores para a realização de uma obra didática, científica e outras.

Frequentemente, há obstáculos a vencer no início da utilização das fichas como método de estudo e de redação. Uma dessas dificuldades é relativa ao dispêndio inicial de tempo, à metodologia de transcrição de texto, às anotações bibliográficas (autor, título da obra, local da publicação, editora, ano, página). Para quem não pratica ou não está acostumado a fazer fichamento, essa prática parece demorada, desgastante, aborrecível, entediante.

Os procedimentos descritos, que garantem a prática eficaz do fichamento, assustam o estudante que depara pela primeira vez com tal metodologia; a prática contínua, no entanto, poderá levá-lo a alterar ponto de vista e julgamento, fazendo-o perceber que o pequeno trabalho inicial reverte-se em ganho de tempo futuro, quando precisar escrever sobre determinado assunto. Não se recomenda, porém, o armazenamento de assuntos pelos quais não se tem nenhum interesse. O fichário, antes de tudo, precisa ser funcional. Um redator esportivo necessita, mais que qualquer outro, recolher informações sobre esportes; um cientista recolherá informações sobre sua área específica, e assim por diante.

As anotações que ocupam mais de uma ficha têm o cabeçalho da primeira ficha repetido.

As fichas compreendem cabeçalho, referências bibliográficas, corpo da ficha e local onde se encontra a obra. O cabeçalho engloba título genérico ou específico e letra indicativa da sequência das fichas, se for utilizada mais de uma. Veja um exemplo na Figura 6.1.

Todo o trabalho de fichamento é precedido por uma leitura atenta do texto. Leitura que se afasta da categoria do emocional (subjetiva) e alcança o nível da racionalidade, e compreende: capacidade de analisar o texto, separar suas partes e examinar como se inter-relacionam e como o texto se relaciona com outros, e competência para resumir as ideias do texto. O *primeiro nível* desse tipo de leitura é denotativo, parafrástico. Cuida do vocabulário, das informações sobre o

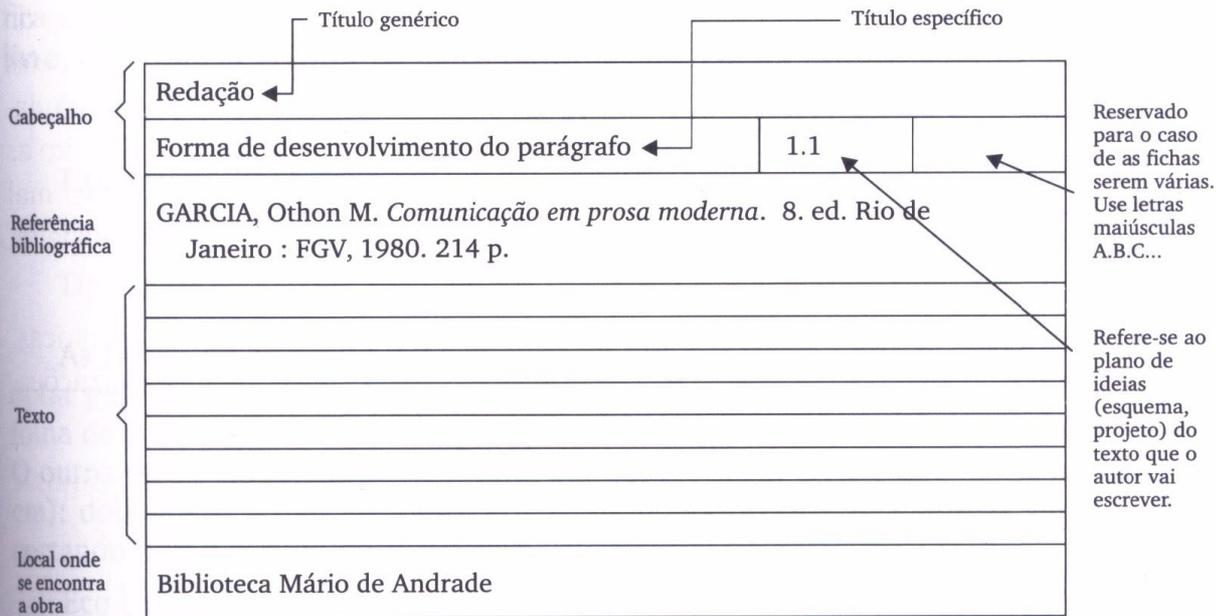


Figura 6.1 Elementos estruturais de uma ficha.

autor, do contexto histórico, socioeconômico e objetivo do texto. Atenta também para a teoria desenvolvida ou conceitos apresentados. Examina as ideias centrais, procurando identificar de que trata o texto. Procura também observar como se desenvolve o raciocínio do autor, quais suas teses e provas, enfim, verifica-se o encadeamento das ideias apresentadas. No *segundo nível*, o leitor interpreta os significados não transparentes: a leitura aqui é polissêmica. A pergunta a responder é: “O que o autor quis demonstrar?” Verifica-se a relação do texto com a realidade de seu tempo. Há originalidade nas ideias? O nível seguinte é o da *crítica*, que não será subjetiva, impressionista, do tipo gosto/não gosto. O autor atingiu os objetivos estabelecidos? É claro, coerente? O texto apresenta alguma contribuição para a comunidade científica? O passo final é o da *problematização*, em que se indaga sobre as possibilidades de aplicação do texto a outras situações, sobre sua contribuição para nova leitura do mundo.

A competência na leitura, evidentemente, não se esgota aí nem nos elementos focalizados nos Capítulos 4 e 5. É de ressaltar que há variados fatores que interferem na prática da leitura, como ironia, metonímia, metáfora, litotes.¹ A título de exemplificação, veja-se o poema “Não há vagas”, de Ferreira Gullar, todo composto pelo processo de litotes.

¹ Figura de linguagem que consiste em afirmar por meio da negação do contrário. Em “Não há vagas”, Ferreira Gullar não afirma que o preço do feijão não cabe no poema, mas justamente o contrário: a poesia é feita com os fatos do cotidiano.

“Não há vagas

O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão

O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerila dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras

– porque o poema, senhores,
está fechado:
‘não há vagas’

Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço

O poema, senhores,
não fede
nem cheira” (GULLAR, 1975, p. 224)

2 Fichas de leitura

São assim designadas as fichas em que se registram informações bibliográficas completas, anotações sobre tópicos da obra, citações diretas, juízos valorativos a respeito da obra, resumo do texto, comentários. Enquanto a ficha bibliográfica

fica contém apenas as informações bibliográficas, necessárias para localizar um livro, as fichas de leitura contêm todas as informações sobre um livro ou artigo.

De modo geral, a ficha de leitura pode ter o seguinte tamanho:

Tipo pequeno: 7,5 × 12,5 cm

Tipo médio: 10,5 × 15,5 cm

Tipo grande: 12,5 × 20,5 cm

As fichas de cartolina são facilmente manuseadas, mas o estudioso poderá optar pelas fichas mais simples, confeccionadas de papel comum: dobra-se uma folha de papel tamanho ofício (31,5 × 21,5 cm) ao meio e obtêm-se duas fichas. O outro tamanho de papel do qual é possível obter fichas é o A4 (21,0 × 29,7 cm): dobra-se o papel ao meio, como no caso anterior, e obtêm-se duas fichas, cortando o papel, evidentemente.

Eco (1989, p. 96) diz ser muitas as formas de fichar um livro. Entre elas cita:

- indicações bibliográficas precisas;
- informações sobre o autor;
- resumo (ou de conteúdo);
- citações diretas (transcrições);
- comentários apreciativos (ou analítica).

Para facilitar a realização do trabalho de redação e consulta ao arquivo, pode-se escrever no alto da ficha a especificação dela: ficha de comentário, ficha de resumo, ficha de citação direta.

Ficha de indicação bibliográfica

Andrade, Maria Margarida de

Comunicação em língua portuguesa : para os cursos de jornalismo, propaganda e letras / Maria Margarida de Andrade, João Bosco Medeiros. – 4. ed. – São Paulo: Atlas, 2006.

Bibliografia.

ISBN 85-224-4516-8

1. Português – Estudo e ensino 2. Português – Gramática 3. Português – Redação I. Medeiros, João Bosco, 1954- II. Título.

97-0953

CDD-469-07

A indicação das referências bibliográficas é feita segundo normas da ABNT (NBR 6023:2002). Pode-se valer o pesquisador da ficha catalográfica, que consta das primeiras páginas de um livro, para a transcrição das referências, ou dos elementos constantes da folha de rosto. Periódicos apresentam indicações dos elementos identificadores na primeira página, ou na capa (por exemplo: *Veja*, São Paulo: Abril, ano 26, nº 41).

Ficha de assunto

ESTRUTURA SINTÁTICA DA FRASE

GARCIA, Othon. *Comunicação em prosa moderna*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1980. p. 6-112.

Ficha de título de obra

Problemas de redação

PÉCORA, Alcir. *Problemas de redação*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

Os modelos de fichas vistos até aqui são encontráveis em fichários de bibliotecas. Serão vistos agora variados tipos de fichamentos de leitura, necessários para a prática da redação de trabalhos científicos. Em primeiro lugar, é comum a expressão “*fazer um fichamento sobre tal assunto ou livro*”. Ora, tal expressão é insuficiente, não esclarecedora, pois um fichamento pode ser de variados tipos: de transcrição direta, de resumo, de comentários avaliativos. Por isso, recomenda-se que se indique sempre a modalidade de fichamento que se deseja.

2.1 Fichamento de transcrição

A transcrição direta de até três linhas deve ser contida entre aspas duplas. As aspas simples servem para indicar citação no interior de citação. Exemplo:

“A utilização da ‘exceção’ à regra conduz...”

Indica-se o número da página de onde foi transcrito o texto. Se houver erros de grafia ou gramaticais, copia-se como está no original e escreve-se entre parênteses (*sic*).² Por exemplo: “Os autores deve (*sic*) conhecer...”

A supressão de palavras é indicada com três pontos entre colchetes. Exemplo:

“Compleitude, referência, tematização, coesão, unidade são conceitos que definem o texto como tal. [...] Assim, o autor apresenta critérios que orientam o processo da escrita.”

Supressões iniciais e finais não precisam ser indicadas:

“[...] Compleitude, referência, tematização, coerência, coesão, unidade são conceitos que definem o texto como tal [...].”

Prefira:

“Compleitude, referência, tematização, coerência, coesão, unidade são conceitos que definem o texto como tal.”

Citações diretas com mais de três linhas devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem aspas.

Veja outras informações na seção 3 do Capítulo 9.

² Para a ABNT, expressões latinas em referências não são destacadas (itálico, bold). No texto, porém, recebem o destaque.

Ficha de transcrição sem cortes

Transcrição

A PEDAGOGIA LIBERAL: IMPLANTAÇÃO

PORTO, Maria do Rosário Silveira. Função social da escola. In: FISCHMANN, Roseli (Coord.). *Escola brasileira*. São Paulo: Atlas, 1987. p. 39-42.

Conforme dissemos no item anterior, a pedagogia liberal que marca o desenvolvimento das escolas do século passado e que ainda influencia a prática escolar no Brasil é consequência de uma doutrina liberal, que defendia a liberdade e os interesses individuais numa sociedade cuja organização se direcionava para a posse da propriedade privada e dos meios de produção; portanto, como justificação do sistema capitalista.

Para a pedagogia liberal, a escola tem a função de preparar o indivíduo para desempenhar papéis sociais, tendo em vista sua aptidão individual, seu talento inato e seus interesses. Na verdade, o que ela tenta fazer é adaptar o indivíduo às normas e valores vigentes numa sociedade de classes, por meio do seu desenvolvimento cultural.

Fichamento de transcrição com corte intermediário de algumas palavras

Transcrição

LEGADO DE AUGUSTO

ENGEL, Jean-Marie; PALANQUE, Jean-Rémy. O império romano. São Paulo: Atlas, 1978. p. 9-10.

Augusto morreu satisfeito. Meses antes da morte havia redigido um resumo de seus feitos, as *Res gestae*, destinado a ser gravado em bronze e exposto publicamente. Lisonjeava-se de ter instituído “o regime mais venturoso”, de ter dado ao Império limites definitivos e de “morrer com a esperança de que os fundamentos do Estado permaneceriam inabaláveis”. [...] Augusto deixou um legado que bastaria simplesmente preservar.

O que sobreveio a tais promessas? Não foram mantidas, mas também não foram renegadas e, até o fim do século 11, a Roma imperial guardou uma aparência tão elegante que, por comparação, a tradição deu aos séculos seguintes o nome, talvez injustamente pejorativo, de “Baixo Império”. Dessa forma, cortou-se na evolução de Roma um período que principia com a morte de Augusto, mas cujo término é muito difícil determinar. [...] Todo limite é ao mesmo tempo arbitrário e necessário. Aderindo ao costume geral, optaremos por 192.

No trabalho científico, as citações com até três linhas são incluídas no parágrafo em que se faz a referência a seu autor e são contidas por aspas. Já as transcrições com mais de três linhas devem ser destacadas, ocupando parágrafo próprio e observando-se recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem aspas. Para chamar a atenção do leitor, pode-se usar entrelinhamento reduzido, corpo menor que o utilizado no texto, ou itálico, ou bold (Figuras 6.2 e 6.3).

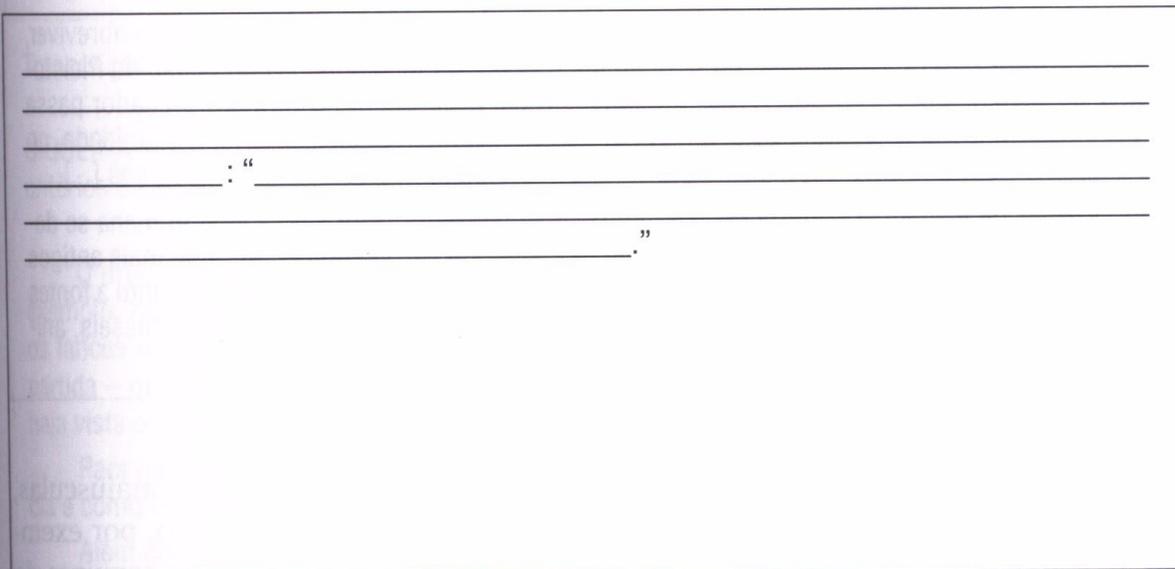


Figura 6.2 Citação direta com até três linhas.

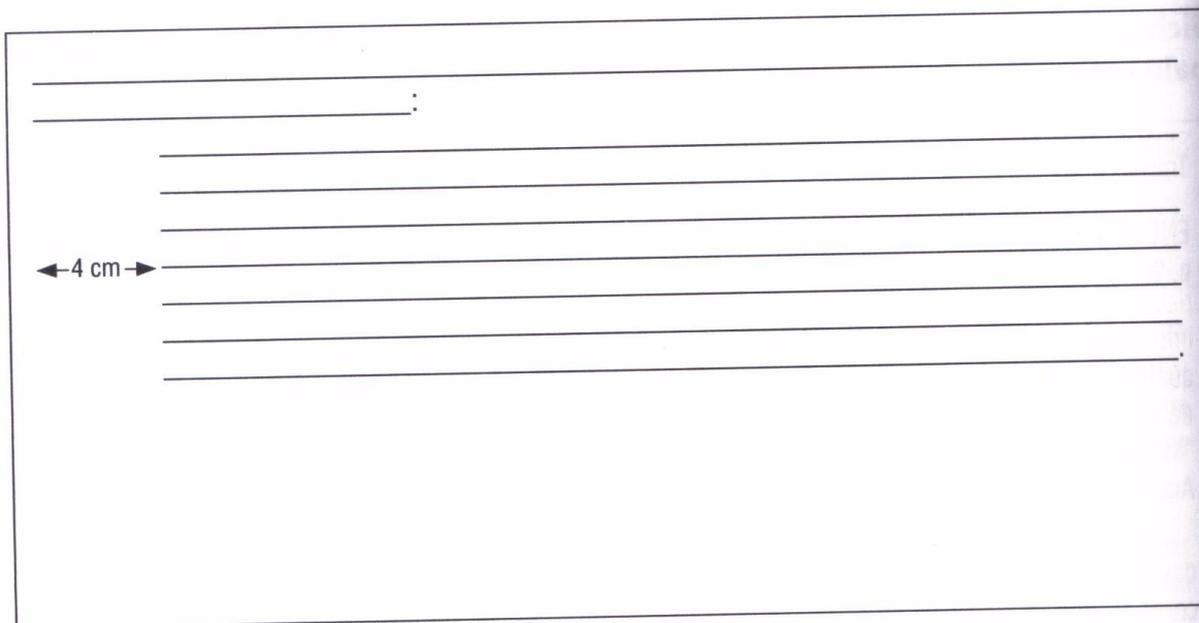


Figura 6.3 Modelo para citação direta com mais de três linhas.

A supressão de um ou mais parágrafos intermediário(s) é indicada por uma linha pontilhada.

Fichamento de transcrição com corte de parágrafo intermediário

Transcrição	PALEOLÍTICO (de 500.000 a 10.000 anos)
MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. <i>Antropologia: uma introdução</i> . 3. ed. São Paulo: Atlas, 1992. p. 92.	
<p>Há milhões de anos, o <i>Homo habilis</i> (segundo Leakey) predava a natureza para sobreviver, o que perdurou do Pré-paleolítico ou Eolítico até o final do Paleolítico. Só no ocaso do Pleistoceno, no Mesolítico, é que ocorreram mudanças mais acentuadas. O homem predador passa a produtor de alimentos, gerando a primeira grande revolução da história da humanidade, no setor da economia. É o começo da produção, quando ele cria os seus próprios recursos [...].</p> <p>Apesar da evidência contida nestes dados, isso não quer dizer que a vida humana se desenvolveu de forma idêntica em todos os lugares habitados. Os vestígios culturais mais antigos da presença do <i>Homo</i> parecem ser os encontrados no Oriente e no Sul da África, junto a fontes naturais, lagos, planícies etc., em terrenos antigos, sempre associados a restos fósseis, animais e humanos.</p>	

Ao transcrever textos, é preciso rigor, observando aspas, itálicos, maiúsculas, pontuação etc. Não se deve alterar o texto de nenhuma forma, como, por exemplo, trocando palavras por outras de sentido equivalente. O exemplo seguinte de fichamento de transcrição sem cortes apresenta esses cuidados:

Transcrição

IMPRESSIONISMO

SERULLAZ, Maurice. *O impressionismo*. São Paulo: Difel, 1965. p. 8.

Representando aquilo que é, por definição, passageiro, os pintores vão ser levados posteriormente a executar “séries” onde acompanhamos as transformações de um local às várias horas do dia. Mas essas séries, onde o artista *quer* demonstrar essas transformações impostas pela luz, não tardarão a tornar-se um sistema de que a espontaneidade – uma das qualidades fundamentais do Impressionismo nascente – está logo ausente.

Seria desonestidade intelectual substituir, suponhamos, a palavra *passageiro* por *fugaz*, ou colocar depois da palavra *dia* a expressão “como a Catedral de Rouen, de Monet”.

No exemplo seguinte, de transcrição direta com corte de parágrafo intermediário, chamamos a atenção do leitor para não interferir na forma do texto. Embora os dois parágrafos finais sejam de extensão reduzida, eles não devem ser transformados num só. E repetindo: supressões de uma linha ou várias que intermedieiem um texto devem ser marcadas com três pontos entre colchetes.

Transcrição

RESUMO

SIQUEIRA, João Hilton Sayeg de. *O texto: movimentos de leitura, táticas de produção, critérios de avaliação*. São Paulo: Selinunte, 1990. p. 59.

O processo usado para sumarizar um texto é muito semelhante ao que se usa para, por exemplo, relatar uma partida de futebol a alguém que não pôde assistir a ela. Seleccionam-se os lances principais, ou os melhores, geralmente os que se referem ao ataque. Assim, uma partida – que teve 90 minutos de duração – fica resumida a cinco ou dez minutos de relato, haja vista os compactos que a televisão apresenta. [...]

Para que esse recurso seja feito com adequação, é necessário determinar qual a referência e como está tematizada.

Além disso, é importante recuperar as relações lógicas existentes entre as partes.

2.2 *Fichamento de resumo*

Resumo é um tipo de redação informativo-referencial que se ocupa de reduzir um texto a suas ideias principais. Em princípio, o resumo é uma paráfrase e pode-se dizer que dele não devem fazer parte comentários e que engloba duas fases: a compreensão do texto e a elaboração de um novo. A compreensão implica análise do texto e checagem das informações colhidas com aquilo que já se conhece.

A compreensão das ideias do texto deriva de dois métodos distintos: o analítico e o comparativo.

O método analítico recomenda atenção com os instrumentos linguísticos de coesão e com os marcadores de tópicos discursivos (*logo, por isso, por conseguinte, em conclusão, em primeiro lugar, em segundo lugar, de um lado, de outro*). Deve, portanto, o leitor ocupar-se da inter-relação das ideias, sobre como elas se articulam no texto: por oposição (contraste)?, por semelhança?, por enumeração?, por causa e consequência? Segundo o mesmo método, faz-se o resumo parágrafo por parágrafo, que deverá refletir fielmente as ideias do texto original.

Já o método comparativo ocupa sua atenção com a estrutura geral do texto e com as informações que respondem às expectativas que o texto criou no leitor. O uso desse método subentende leitor possuidor de informações sobre o assunto. Para Serafini (1986, p. 148):

O texto é compreendido com base nas próprias expectativas, utilizando um ou vários “pacotes” de dados, a que chamamos registros, que constituem a memória. A memória não é de fato constituída por elementos separados entre si mas conserva as informações em grupos, por assuntos, segundo as nossas experiências pessoais, e seguindo generalizações ou registros. Para ler, compreender e resumir rapidamente é preciso juntar ao texto estes pacotes de informações que já estão na memória.

As informações da memória funcionam como orientadoras, como guias para a compreensão, que ficará facilitada se o leitor interroga o texto e transforma determinadas passagens ou tópicos em interrogações. Por exemplo, o tópico *fichamento de resumo* pode transformar-se numa pergunta:

“Que é fichamento de resumo?”

Como se trata de técnica de grande relevância para a redação científica, a explicitação do resumo é feita aqui e no Capítulo 7. A seguir, são vistas, passo a passo, regras de elaboração de sínteses, segundo Serafini (1986, p. 149), que compreendem: supressão, generalização, seleção, construção.

A **supressão** (apagamento) elimina palavras secundárias do texto. Em geral, atém-se a advérbios, adjetivos, preposições, conjunções, desde que não necessários à compreensão do texto. Por exemplo:

A bonita paisagem do Rio de Janeiro estava embaçada por uma neblina densa que impedia enxergar um palmo à frente do nariz e ver o belíssimo Pão de Açúcar.

Os adjetivos *bonita, densa, belíssimo* podem ser retirados do texto sem perda do conteúdo. Evidentemente, outras palavras que aparecem nele podem ser suprimidas: o artigo *a* e o pronome relativo *que*. Não precisamos parar por aí: podemos cortar paisagem *do Rio de Janeiro* (afinal, o Pão de Açúcar fica no Rio de Janeiro) e *um palmo à frente do nariz*.

Veja-se outro exemplo:

Os estereótipos tanto podem ser positivos quanto negativos; tanto podem valorizar quanto depreciar as pessoas. Se um estereótipo é positivo ou negativo, isto depende da categoria social que o adota (NOVA, 1995, p. 56).

A expressão *tanto podem valorizar quanto depreciar as pessoas* já está contida na ideia de positivo e negativo. Portanto, pode ser cortada. Assim, não se trata apenas de cortar adjetivos, advérbios, conjunções, artigos, preposições, mas também de eliminar expressões repetidas ou trechos parafrásticos. E teríamos como resultado, eliminando outras repetições do texto citado:

Os estereótipos tanto podem ser positivos quanto negativos, dependendo da categoria social que os adota.

A **generalização** permite substituir elementos específicos por outros genéricos. Por exemplo:

Fulano come manga, goiaba, banana, melão, melancia, pêsego, ameixa, caqui.

Generalizando, temos:

Fulano come frutas.

Ou:

Fulano gosta de ler Machado de Assis, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade.

Resultado:

Fulano gosta de literatura.

A **seleção** cuida de eliminar obviedades ou informações secundárias e ater-se às ideias principais. Exemplo:

A leitura é atividade intelectual que exige, para a realização adequada, alguns procedimentos, como seleção do material, cuidando para que a unidade delimitada compreenda uma totalidade e não mero fragmento, contexto, ideologia.

Selecionando alguns elementos, temos:

A leitura exige procedimentos como seleção e delimitação de uma totalidade e [que não seja feita a partir de um] fragmento [destituído do contexto].

Finalmente, há a **construção** de uma nova frase (paráfrase), respeitando-se as ideias do texto original. Tomando o texto apresentado, tem-se como resultado:

A seleção e a delimitação de um texto são procedimentos de leitura que devem levar em consideração o contexto.³

Ainda segundo Serafini (1986, p. 150), “um resumo deve em geral conter uma informação tanto mais exaustiva sobre o texto original quanto mais rico for o vocabulário de seu autor”. Ou seja, as pessoas que dispõem de vocabulário amplo podem realizar um resumo mais exaustivo quanto às informações contidas num texto.

Suponha-se agora que o estudioso esteja realizando um texto sobre a arte impressionista e necessite de informação sobre o conceito desse movimento. Tomemos novamente o texto de Serullaz para elaborar a ficha de resumo:

Representando aquilo que é, por definição, passageiro, os pintores vão ser levados ulteriormente a executar “séries” onde acompanhamos as transformações de um local às várias horas do dia. Mas essas séries, onde o artista quer demonstrar essas transformações impostas pela luz, não tardarão a tornar-se um sistema de que a espontaneidade – uma das qualidades fundamentais do Impressionismo nascente – estará logo ausente (SERULLAZ, 1965, p. 8).

O texto apresentado pode ser transformado numa ficha de resumo, como segue (respeitando a supressão, a generalização, a seleção e a construção):

Resumo	IMPRESSIONISMO
SERULLAZ, Maurice. <i>O impressionismo</i> . São Paulo: Difel, 1965. p. 8.	
Define o Impressionismo como movimento ocupado com o fugaz. O artista capta as transformações impostas pela luz. Esta característica espontânea inicialmente torna-se regra, fazendo o movimento posterior diferente do inicial.	

³ Ver outras informações e exemplos no Capítulo 7.

Se a frase necessitar de explicações complementares, o autor pode valer-se da introdução de palavras suas, mas entre colchetes:

Define o Impressionismo como movimento ocupado com o fugaz [instantâneo].

A ficha de resumo ou de conteúdo apresenta uma síntese das ideias do autor. Saliente-se que não é um sumário ou índice das partes da obra. Devem-se expor abreviadamente as ideias do autor. Não se faz uso de citações.

2.3 Fichamento de comentário

Para a exemplificação de uma ficha de comentário, que também pode ser apreciativo, veja-se o texto seguinte de Tacca (1983, p. 152-153):

Na realidade, deveríamos admitir que, num sentido mais amplo, mais geral e mais profundo, todo o romance é uma mensagem interceptada por um criptanalista – que não é outro senão o leitor. Nada mais ilustrativo, a este respeito, do que nossa própria experiência de leitores. E, com efeito, quando começamos a leitura de um romance, avançamos, a princípio muito lentamente, com vacilações, incompreensões, releituras e retrocessos. Progredimos, em seguida, a velocidade regular, gostosamente. Depois, quando estamos já “dentro” dele, a grande velocidade, quase vertiginosamente (e com o risco inerente). Só ao fim, muito ao fim, quando os dedos e os olhos nos dizem que chegamos às últimas páginas, travamos, diminuimos a marcha, demoramos intencionalmente a leitura – tanto mais quanto melhor tiver sido o romance –, implicando essa demora, simultaneamente, um desejo de intensificação do prazer, visão fulgurante e sintética de todo o passado do romance (semelhante à que, segundo se diz, precede a morte), rechaço ou adiamento do des-encantamento final, pré-nostalgia de um passado que amamos, tristeza de qualquer despedida. Por outras palavras – e noutra plano –, ao começar a leitura de um romance, comportamo-nos como um criptanalista: à medida que vamos recebendo a mensagem, procuramos decifrar o seu código. (Cada romancista, por vezes cada romance de um mesmo romancista, possui um código particular.) Em tempo mais ou menos curto, segundo o caso, e na medida em que o vamos conseguindo decifrar, avançamos mais rapidamente, passamos de criptanalista a decodificador normal: tornamo-nos (parafraseando Jakobson) um membro da comunidade romanesca iniciada. Em suma, os passos do leitor reproduzem os passos do artista, “capaz de suscitar o nosso próprio esforço e de nos apresentar um mundo de relação ao qual sejamos, primeiramente, convidados, logo depois acolhidos e familiarizados, enfim, pouco a pouco, transfigurados”, segundo dizia Etienne Souriau.

Em que consiste um comentário? O que comentar de um texto? Francisco Gomes de Matos (1985, p. 183) ensina, em artigo publicado em *Ciência e Cultura*, que se devem analisar os aspectos quantitativos e depois os qualitativos. Assim, cabe responder pela extensão do texto, sobre sua constituição (ilustrações, exemplos, bibliografia, citações), conceitos abordados. Em aspectos qualitativos,

recomenda que se atenha à análise e detecção da hipótese do autor, objetivo, motivo pelo qual escreveu o texto, as ideias que fundamentam o texto. Deve o comentarista verificar se a exemplificação é genérica ou específica, se a organização do texto é clara, lógica, consistente, e o tom utilizado na exposição é formal ou informal, se há pontos fortes e fracos na argumentação do autor, se a terminologia é precisa. E ainda dizer se a conclusão é convincente e quem será beneficiado pela leitura do texto. Finalmente, deve fazer uma avaliação da obra.

Considerando o texto de Tacca, a ficha de comentário seria a seguinte:

Comentário	RELAÇÃO LEITOR/OBRA
TACCA, Oscar. <i>As vozes do romance</i> . Coimbra: Almedina, 1983. p. 152-153.	
<p>Notam-se no texto de Tacca as seguidas transformações por que passa o leitor: inicialmente, convidado; depois, participante da família e, por fim, transfigurado. A comparação explicita o comportamento do leitor com a obra e a impossibilidade de permanecer distante, amorfo, inerte. A leitura possibilita a transfiguração, a transformação radical que leva a atingir um estado glorioso. E, neste caso, leva o leitor a um contato com realidades estranhas ao mundo sensível. Talvez se possa ver aí um resquício da filosofia de Plotino que dizia que a arte dá acesso à realidade absoluta. E a arte transforma-se numa atividade espiritual.</p>	

3 Fichamento informatizado

Com a difusão dos microcomputadores e dos processadores de texto, hoje tornou-se muito fácil armazenar informações em arquivos eletrônicos, com a vantagem de que não há limite de linhas, como no fichamento em papel. Outra grande vantagem é que é possível copiar textos, transferir informações de um local para outro, pedir ao computador que localize expressões-chave. Suponha-se o diretório "História". Ao abrir pastas para armazenar informações, podem-se criar:

Brasil

Portugual

EUA

França

Brasil pode ser subdividido em:

- Século XVI
- Século XVII
- Século XVIII
- Século XIX
- Século XX

ou:

- Colônia
- Independência
- República
- Nova República
- Estado Novo

Exercícios

1. *Fazer um fichamento de comentário com base em texto de seu interesse.*
2. *Elaborar uma ficha de título de obra.*
3. *Apresentar três fichamentos de transcrição de texto de seu interesse (transcrição sem cortes intermediários, com corte intermediário de algumas palavras e com corte intermediário de parágrafo).*
4. *Em caso de aspas dentro de aspas, como proceder numa transcrição? Na citação direta, é permitido ao pesquisador substituir palavras e interferir na forma do texto?*
5. *Como proceder no caso de supressão de algumas palavras internas a um texto?*
6. *Como proceder em caso de supressão de um ou mais parágrafos? E, se há erro gramatical, como proceder?*
7. *Elaborar um fichamento de resumo do seguinte texto de Gil (1990, p. 25):*

PERSPECTIVA EDUCACIONAL HUMANISTA

A perspectiva humanista constitui uma reação à rigidez da escola clássica. Ela considera que sob as formas tradicionais de educação o potencial dos

alunos é aproveitado apenas em parte. Por considerar que cada aluno traz para a escola suas próprias atitudes, valores e objetivos, a visão humanista centraliza-se no aluno. Assim, sua preocupação básica torna-se a de adaptar o currículo ao aluno.

Os adeptos da perspectiva humanista enfatizam mais a liberdade que a eficiência. Por isso são classificados por seus críticos como utópicos ou românticos.

As bases desta orientação podem ser encontradas nas obras de pensadores como Comenius (1592-1670), Locke (1632-1704) e Rousseau (1712-1788), e de educadores como Pestalozzi (1746-1827) e Froebel (1782-1852). Maria Montessori (1870-1952) constitui um bom exemplo de adoção desta postura, já que seu método se baseia no princípio de que as crianças devem ter liberdade de prosseguir segundo o seu próprio *ritmo*, escolhendo e orientando suas atividades. Seus trabalhos enfatizam que as crianças estão sempre prontas para aprender, sentem prazer com o aprendizado e estão prontas a ensinar a si mesmas se lhes for dada a oportunidade.

Um grande incentivo a esta orientação foi dado pelos psicólogos humanistas, sobretudo por Carl Rogers (1902-1987). Para ele, a escola constitui a instituição mais tradicional, conservadora, rígida e burocrática de nossa época. E propõe, como antídoto, o ensino centrado no aluno, em que o papel fundamental do professor é de facilitador da aprendizagem.

A perspectiva humanista mais recentemente vem sendo influenciada por educadores que enfatizam o aspecto político do ato de ensinar. Paulo Freire é uma das mais importantes expressões dessa tendência. Suas ideias, que começaram a ser propostas na década de 60, propõem um sistema completo de educação libertadora que iria desde a pré-escola até a universidade. Essa proposta se opõe aos sistemas tradicionais de educação e visa à transformação das estruturas econômicas, políticas e sociais de opressão do povo.

8. *Fazer fichamento de comentário do seguinte texto de Garcia (1973, p. 147-148):*

Darwin, em *A origem das espécies*, distribui os seres em filos, classes, ordens, grupos, famílias, gêneros, espécies e variedades. Mas, fora da biologia, essa hierarquização não costuma ser assim tão rígida: normalmente designamos as coisas pelo gênero (ou classe) ou pela espécie. Quando temos de nomear um objeto ou ser, podemos servir-nos de um termo próprio, *i.e.*, que se aplique apenas a cada um deles de maneira tanto quanto possível inconfundível – *palmeira, sabiá* –, ou indicá-los pela classe ou gênero que incluía também seus assemelhados – *árvore, pássaro*. Se, ao descrever ou evocar um aspecto da paisagem campestre, o autor se limita a uma referência generalizadora, falando apenas em “árvores onde cantam os pássaros”, terá assina-

lado somente traços indistintos, comuns a uma classe muito ampla de coisas ou seres. Sua referência é incaracterística. Mas, se fizer como o poeta que se serviu de termos específicos, terá caracterizado de maneira mais precisa aquele aspecto da paisagem: “palmeiras onde canta o sabiá”. No primeiro caso, empregou palavras de sentido *geral*; no segundo, serviu-se de termos de sentido *específico*. Ora, quanto mais geral é o sentido de uma palavra, tanto mais vago e impreciso; reciprocamente, quanto mais específico, tanto mais concreto e preciso. Cabe aqui o testemunho valioso de Paulo Rónai: “Quanto ao conhecimento do vocabulário concreto, será preciso encarecer-lhe a importância num país como o Brasil, mostruário imenso de espécies animais e vegetais, ao mesmo tempo que repositório de variado patrimônio sociológico e cultural, incessantemente ampliado pela contribuição das correntes imigratórias e do intercâmbio comercial?” [...]. Se, pelo menos, os professores encarecêssemos bastante a importância do vocabulário concreto, nossos alunos talvez aprendessem a “dar nomes aos bois”, evitando nas suas redações generalidades inexpressivas.

Há palavras que são mais específicas do que outras; *cão policial* é mais específico do que simplesmente *cão*; *mamífero*, mais do que *vertebrado*, e este, mais do que *animal*; *palmeira imperial* é mais específico que *palmeira*, e *palmeira* mais do que *árvore* e *árvore* mais do que *planta* ou *vegetal*. *Trabalhador* é termo de sentido geral, amplo: constitui uma classe; *operário* tem sentido mais restrito; adaptando-se à escala de Darwin, seria o gênero; *metalúrgico* seria a espécie, e *soldador*, a variedade. Ao descrever uma cena de rua, posso referir-me indistintamente a *transeuntes* (sentido geral), ou particularizar em escala descendente (do mais geral para o mais específico): homens, jovens estudantes, alunos do colégio tal. [...]

O grau de generalização ou de abstração de um enunciado depende do seu contexto. Na série de declarações que seguem, a primeira, por ser de ordem geral, encerra um juízo falso ou inaceitável em face da experiência; no entanto, os termos essenciais que a constituem são os mesmos da última que, por ser mais específica, se torna incontestável:

1. *A prática dos esportes é prejudicial à saúde.*
2. *A prática dos esportes é prejudicial à saúde dos jovens.*
3. *A prática dos esportes é prejudicial à saúde dos jovens subnutridos.*
4. *A prática dos esportes violentos é prejudicial à saúde dos jovens subnutridos.*
5. *A prática indiscriminada de certos esportes violentos é prejudicial à saúde dos jovens subnutridos.*

As especificações expressas pelos adjuntos *dos jovens, subnutridos, violentos, certos, indiscriminada* tornam absolutamente aceitável a última declaração.

A linguagem é tanto mais clara, precisa e pitoresca quanto mais específica e concreta. Generalizações e abstrações tornam confusas as ideias, traduzem conceitos vagos e imprecisos. Que é que expressamos realmente com o adjetivo “belo”, de sentido geral e abstrato, aplicável a uma infinidade de seres ou coisas, quando dizemos uma bela mulher, um belo dia, um belo caráter, um belo quadro, um belo filme, uma bela notícia, um belo exemplo, uma bela cabeleira? É possível que a ideia geral e vaga de “beleza” lhes seja comum, mas não suficiente para distingui-los, para caracterizá-los de maneira inconfundível. Praticamente quase nada se expressa com esse adjetivo aplicado indistintamente a coisas ou seres tão díspares. Seria possível assinalar-lhes traços singularizantes por meio de outros adjetivos mais especificadores: mulher atraente, tentadora, sensual, arrebatadora, elegante, graciosa, meiga...; dia ensolarado, límpido, luminoso, radiante, festivo...; caráter reto, ímpoluto, exemplar...; rapaz esbelto, robusto, guapo, gentil, cordial, educado... É certo que, ainda assim, o resultado não seria grande coisa, pois muitos dos adjetivos propostos são ainda bastante vagos e imprecisos, se bem que em menor grau do que “belo”. No caso, o recurso a metáforas e comparações teria maiores possibilidades de salientar os traços mais característicos e pitorescos do que a simples adjetivação.

9. *Quantos são os elementos de uma ficha de informações para fins de pesquisa?*
10. *Se alguém lhe pedir um fichamento, que faltará especificar? Quantas espécies de fichamento conhece?*
11. *Descrever os procedimentos utilizados para um fichamento eletrônico.*
12. *Comentar o seguinte texto:*

Teoria, nos estudos literários, não é uma explicação sobre a natureza da literatura ou sobre os métodos para seu estudo (embora essas questões sejam parte da teoria e serão tratadas aqui, principalmente nos Capítulos 2, 5 e 6). É um conjunto de reflexão e escrita cujos limites são excessivamente difíceis de definir. O filósofo Richard Rorty fala de um gênero novo, misto, que começou no século XIX: “Tendo começado na época de Goethe, Macaulay, Carlyle e Emerson, desenvolveu-se um novo tipo de escrita que não é nem a avaliação dos méritos relativos das produções literárias, nem história intelectual, nem filosofia moral, nem profecia social, mas tudo isso combinado num novo gênero”. A designação mais conveniente desse gênero misturado é simplesmente o apelido *teoria*, que passou a designar obras que conseguem

contestar e reorientar a reflexão em campos outros que não aqueles aos quais aparentemente pertencem. Essa é a explicação mais simples daquilo que faz com que algo conte como teoria. Obras consideradas como teoria *têm efeitos* que vão além de seu campo original.

Essa explicação simples é uma definição insatisfatória mas parece realmente captar o que aconteceu desde o decênio de 1960: textos de fora do campo dos estudos literários foram adotados por pessoas dos estudos literários porque suas análises da linguagem, ou da mente, ou da história, ou da cultura, oferecem explicações novas e persuasivas acerca de questões textuais e culturais. Teoria, nesse sentido, não é um conjunto de métodos para o estudo literário mas um grupo ilimitado de textos sobre tudo o que existe sob o sol, dos problemas mais técnicos de filosofia acadêmica até os modos mutáveis nos quais se fala e se pensa sobre o corpo. O gênero da “teoria” inclui obras de antropologia, história da arte, cinema, estudos de gênero, linguística, filosofia, teoria política, psicanálise, estudos de ciência, história social e intelectual e sociologia. As obras em questão são ligadas a argumentos nessas áreas, mas tornam-se “teoria” porque suas visões ou argumentos foram sugestivos ou produtivos para pessoas que não estão estudando aquelas disciplinas. As obras que se tornam “teoria” oferecem explicações que outros podem usar sobre sentido, natureza e cultura, o funcionamento da psique, as relações entre experiência pública e privada e entre forças históricas mais amplas e experiência individual.

Se a teoria é definida por seus efeitos práticos, como aquilo que muda os pontos de vista das pessoas, as faz pensar de maneira diferente a respeito de seus objetos de estudo e de suas atividades de estudá-los, que tipo de efeitos são esses?

O principal efeito da teoria é a discussão do “senso comum”: visões de senso comum sobre sentido, escrita, literatura, experiência. Por exemplo, a teoria questiona

- a concepção de que o sentido de uma fala ou texto é o que o falante “tinha em mente”,
- ou a ideia de que a escrita é uma expressão cuja verdade reside em outra parte, numa experiência ou num estado de coisas que ela expressa,
- ou a noção de que a realidade é o que está “presente” num momento dado.

A teoria é muitas vezes uma crítica belicosa de noções de senso comum; mais ainda, uma tentativa de mostrar que o que aceitamos sem discussão como “senso comum” é, de fato, uma construção histórica, uma teoria espe-

cífica que passou a nos parecer tão natural que nem ao menos a vemos como uma teoria. Como crítica do senso comum e investigação de concepções alternativas, a teoria envolve um questionamento das premissas ou pressupostos mais básicos do estudo literário, a perturbação de qualquer coisa que pudesse ter sido aceita sem discussão: O que é sentido? O que é um autor? O que é ler? O que é o “eu” ou sujeito que escreve, lê, ou age? Como os textos se relacionam com as circunstâncias em que são produzidos? (CULLER, 1999, p. 12-14).